



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 06 – Ano III – 10/2014  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde

João Paulo Madeira

Doutorando em Ciências Sociais no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa - ISCSP-UL - Portugal

Investigador do Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP-ISCSP-UL)

Docente da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV)

<http://lattes.cnpq.br/3088190469135562>

E-mail: [jpbrancomadeira@gmail.com](mailto:jpbrancomadeira@gmail.com)

**Resumo:** A construção do Estado-Nação em Cabo Verde resulta de uma particularidade sócio-histórica que se iniciou com a descoberta e povoamento das ilhas do Arquipélago. Pretende-se com este artigo compreender os processos que envolvem a formação da identidade e, posteriormente, a construção do Estado-Nação. O processo engloba, por um lado, o nascimento do mestiço e a afirmação da língua crioula cabo-verdiana, por outro, a afirmação das manifestações culturais que culminaram com a independência nacional em 1975 e posteriormente com a abertura política de 1990 na afirmação e consolidação institucional da democracia.

**Palavras-chave:** Identidade. Estado-Nação. Cultura Cabo-verdiana.

## **Introdução**

Cabo Verde situa-se numa posição geográfica privilegiada entre o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente, na rota das grandes linhas de navegação e de comércio marítimo. O arquipélago é constituído por dez ilhas e vários ilhéus, divididos em dois grupos: o de Sotavento no sul, abarcando as ilhas de Santiago, Fogo, Maio, Brava e os ilhéus Secos e Rombos, e o grupo de Barlavento norte, de que fazem parte Boavista, Santa Luzia, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e os ilhéus Branco e Raso. Todas estas ilhas são habitadas, com excepção da ilha de Santa Luzia e os ilhéus. Este arquipélago situa-se a cerca de quinhentos quilómetros (500km) da costa ocidental africana, possuindo uma área total de 4.033km<sup>2</sup> de superfície marítima, situada no oceano atlântico entre a Europa, África e América.

Cabo Verde serviu, durante muito tempo, como entreposto de escravos trazidos da África e enviados posteriormente para a América do Sul, pelo que acabou por ser um importante “laboratório” de língua e de aculturação (Filho, 2003, p. 81). Estes factores condicionaram as condições do seu povoamento e a sua vida económica, social e cultural.

O arquipélago de Cabo Verde começou progressivamente a estruturar-se, quer com o povoamento das ilhas, quer com a subsequente organização social, cultural, política e administrativa. A sua história emerge da fusão com outras civilizações, concretamente Europeia e Africana. Conseguiu-se, perante a realidade social, cultural e política, construir a identidade e o Estado-Nação sólido e singular, que une os cabo-verdianos em todas as latitudes.

### **1. Objecto de estudo e proposta metodológica**

A questão identitária persiste na discussão entre os investigadores e gira em torno da demonstração das diferentes possibilidades de compreensão do assunto, aplicado ao caso de Cabo Verde, cujos parâmetros de análise partem da especificidade do arquipélago nas origens da sua formação identitária. Existe um conjunto de categorias que remetem para a utilização de conceitos diferenciados, relativamente à identidade. Ora incidem na identidade colectiva e social, bem como na essência e no sentimento da sua singularidade, ora recaem na identidade

propriamente dita e dizem respeito a grupos sociais, geográficos e étnicos. Para Moreira a construção da identidade nacional:

É precisamente um processo que se leva a cabo em contraste dialógico com os demais, uma operação baseada no jogo de semelhanças e diferenças (...) a identidade, tal como é referido desde a filosofia grega ou do cristianismo até à ilustração é, simultaneamente, o comum e o indivisível e o diferente e o inconfundível. É a permanência e a mudança, o próprio como dado e o próprio como adquirido (Moreira, 2011, p. 40).

É em torno dos conceitos da identidade, Estado-Nação e cultura que o presente estudo se centra, nomeadamente no reconhecimento no que o conceito de identidade incorpora, relativamente às representações de Cabo Verde e dos cabo-verdianos sobre si próprios e sobre os outros e, neste sentido, é construída numa dinâmica de interculturalidade, na qual intervêm as próprias representações de si e o olhar do outro.

A formação da identidade cabo-verdiana e o nascimento do Estado-Nação em Cabo Verde decorre de factos históricos e de movimentos culturais, bem como da construção da consciência nacional e da Nação e a ideia de ser cabo-verdiano. Revela-se fundamental reconstruir o caminho histórico de afirmação da ideia de Nação e do Estado em Cabo Verde, de forma a descobrir novas perspectivas sobre a problemática da construção da identidade e do Estado, sendo que o ponto de partida para este estudo se refere ao conjunto de hipóteses frequentes sobre estes assuntos:

A noção de Estado-Nação sugere a ideia de uma sociedade, onde os factores homogéneos predominam sobre os factores heterogéneos. Para tal é necessário que sejam contextualizados os processos e experiências históricas que marcaram a formação deste povo no sentido de descrever, analisar, e explicar, diacrónica e sincronicamente, como se processou a formação da identidade e, posteriormente, da construção do Estado-Nação em Cabo Verde;

O conceito Estado-Nação, mesmo com o peso dos factores heterogéneos que contribuíram para a formação da sociedade cabo-verdiana, permitem considerar Cabo Verde como um Estado-Nação.

Nisto, leva-se em linha de conta um conjunto de elementos socioculturais, geográficos e territoriais singulares que nos permitirão, de forma clara, caracterizar e descrever os factores relativos à construção da identidade e do Estado-Nação em

Cabo Verde. Os objectivos da presente investigação sobre este assunto visam contribuir para o aprofundamento de um estudo sistematizado sobre a construção da identidade, e verificar como, efectivamente, se processou a formação do Estado-Nação em Cabo Verde.

O estudo privilegia uma incidência predominantemente histórica e sociológica, com um olhar simultaneamente holístico, característico dos Estudos Africanos, realçando sobretudo a questão da identidade que o tema levanta, podendo ser enquadrado, por isso, no âmbito dos estudos dos factos sociais, no sentido de possibilitar a capacidade crítica para a compreensão e explicitação dos conceitos em torno da construção do Estado-Nação em Cabo Verde.

A investigação segue uma linha metodológica, que auxilia na compreensão da problemática em relevo, assentando na pesquisa documental e bibliográfica, principalmente de fontes escritas e de memórias literárias, e também baseada na recolha de informações, através de entrevistas a diferentes personalidades, constituindo elementos-chave na elucidação das questões inerentes à construção da identidade e do Estado-Nação em Cabo Verde.

Numa pesquisa documental privilegiam-se revistas, jornais, periódicos, livros impressos, entre outros. Nas revistas, jornais e periódicos privilegia-se o pensamento e interpretação da geração dos pré-claridosos e dos claridosos acerca da construção da Nação e do Estado em Cabo Verde. Considera-se que a imprensa local foi preponderante para a preservação do registo de memórias acerca da história e dos acontecimentos que ocorreram em Cabo Verde, permitindo, nos dias de hoje, fazer o recuo no tempo, em relação à procura das imagens e interpretações de uma geração, na qual é possível compreender os sucessivos recuos através de uma análise documental, sem se opor a outros elementos complementares.

A análise da informação, através da imprensa escrita, apresenta-se, até certo ponto, como um instrumento na “busca do passado” de um determinado povo, principalmente no que diz respeito às temáticas acerca da construção da Nação e do Estado em Cabo Verde. É possível, graças às fontes de memória, sobretudo literárias “viajar no passado” em busca de explicações acerca de um passado recente.

Através da memória escrita, elaborada por um conjunto de intelectuais com conhecimentos literários evidenciados, e das suas interpretações sobre as diversas

realidades e circunstâncias, tornou-se possível a aquisição de uma importante herança para a história do arquipélago de Cabo Verde. É possível, através do recurso à memória escrita, compreender hábitos e costumes, anseios e lutas travadas que, actualmente, se afiguram como imprescindíveis na compreensão do pensamento das diferentes gerações. A incursão na interpretação do pensamento destes intelectuais, através de memórias escritas, tem por objecto produzir e garantir à comunidade científica o estudo a respeito da sociedade cabo-verdiana, através do conjunto de trabalhos, feito por meio de instrumentos e métodos científicos.

Nas obras impressas, analisa-se a contribuição dos diferentes autores cabo-verdianos e de outros que se dedicam a estudar a construção da Nação em África, no caso particular de Cabo Verde. A partir dos diferentes estudos sobre a questão da construção da identidade e do Estado-Nação, procura-se desconstruir conceitos e paradigmas que sustentam as explicações em torno destas concepções, presentes no actual processo de configuração identitária.

No que diz respeito às entrevistas, que se pretende conseguir através de um trabalho de campo específico, considera-se que o acesso a informantes-chave ajuda-nos a compreender o processo de construção da identidade e, posteriormente, do Estado-Nação em Cabo Verde, sendo, para isso, necessário o acesso aos depoimentos de especialistas que estão directa ou indirectamente envolvidos com o estudo da temática.

A entrevista, principalmente do tipo qualitativo, constituiu uma técnica particularmente vantajosa. Permitindo apreender os pontos de vista de personalidades, sobretudo no acesso à informação através da reconstrução dos pontos de vista, crenças e tipos de raciocínio, a partir de premissas, pré-concepções e ideias a respeito da configuração identitária e da construção do Estado-Nação em Cabo Verde.

Pretende-se aplicar entrevistas junto de personalidades - autoridades públicas na esfera da cultura, professores de cultura cabo-verdiana, jornalistas, editores de programas culturais, investigadores na esfera da cultura, historiadores com especialização em história de Cabo Verde, escritores no âmbito da Antropologia e Cultura Cabo-verdianas e outras personalidades que, de alguma forma, possuem conhecimentos, sobre a cultura, património e identidade, enquanto traços característicos do povo cabo-verdiano. A diversidade de maneiras de interpretar

pontos de vista e de reconstruir determinados fenómenos sociais é profundamente reconhecido como imprescindível para enriquecer qualquer estudo a que se pretenda chegar, sendo ainda mais importante o sentido que o entrevistado emprega no estudo acerca destes fenómenos. Estas interpretações permitem abrir novos horizontes e pistas que exigem do investigador receptividade às informações prestadas, aos diferentes estudos e resultados de investigações ou análises científicas realizadas anteriormente.

## **2. O passado no presente: História do Arquipélago de Cabo Verde**

A descoberta e o povoamento do arquipélago de Cabo Verde e a sua subsequente estruturação social e económica constituem elementos de particular relevância na compreensão da história do arquipélago. Cabo Verde, desde a sua descoberta, conheceu uma realidade diferente daquelas que se verificavam nas outras ex-colónias portuguesas em África, nomeadamente na Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Em 1462 os navegadores António da Noli, e, logo a seguir, Diogo Afonso, ambos ao serviço da Coroa Portuguesa, instalaram-se na ilha de Santiago, por determinação do Infante D. Fernando. Os dois formaram as primeiras capitânias, uma localizada na actual Cidade Velha, e outra na cidade da Praia. De um modo geral, admite-se que as ilhas tenham sido encontradas por portugueses, aquando das duas viagens realizadas de forma sucessiva entre 1460 e 1462.

Os anos entre 1460 e 1462 são considerados como datas aceites pela generalidade dos académicos acerca do descobrimento de Cabo Verde. Alguns documentos comprovam este facto, entre os quais se destaca a carta régia de 3 de Dezembro de 1460, que aponta António da Noli e Diogo Gomes como descobridores oficiais de algumas ilhas de Cabo Verde, atribuindo-lhes o estatuto especial de descobridores. O descobrimento do arquipélago procedeu da seguinte forma: os primeiros navios portugueses ao aproximarem-se da terra, neste caso do arquipélago de Cabo Verde, maravilharam-se ao encontrá-lo inabitado. Constataram o facto ao ordenar que os tripulantes procurassem, de forma sequencial, povoações nestas ilhas, e nunca encontraram sequer vestígios, mas sim, meticulosamente,

notaram a presença de pombas mansas, de grande multidão de aves e de grandes pescarias (Fernandes, 1951, p. 100).

O povoamento do arquipélago de Cabo Verde aconteceu logo após a descoberta, onde na perspectiva de Baleno (2001) não foi avante com o modelo proferido pelo Imperio Português, pois estiveram na base alguns factores como: os problemas financeiros que na época a Coroa atravessava; a distância entre o arquipélago e a Coroa e o clima seco e árido do arquipélago, pois estes “assoerbavam-se face à exiguidade dos recursos naturais, ganhando uma relevância que não pode ser ignorada. Este último factor, sim, pode ser visto como o principal responsável pela relutância verificada” (p. 128).

As ilhas de Santiago e do Fogo foram as primeiras a serem povoadas. Quarenta anos depois inicia-se o povoamento da Boavista e de Maio e, posteriormente, da Brava e de Santo Antão. No século XVII foi povoada a ilha de São Nicolau e, finalmente, as ilhas de São Vicente e do Sal, que foram as últimas a serem povoadas, nos séculos XVIII e XIX. O povoamento, principalmente da ilha de Santiago, e que incitou outros povoamentos, desencadeou-se graças à Carta Régia de 12 de Junho de 1466, na qual D. Afonso V fez saber que:

O infante D. Fernando meu mui prezado e amado irmão nos enviou dizer como haverá quatro anos que ele começara povoar a sua ilha de Santiago que é através de Cabo Verde e que por ser tão alongada de nossos reinos a gente não quer a ela ir viver senão com mui grandes liberdades e franquezas (Carreira, 1983, p. 29).

O importante conjunto de regalias decretadas pela Carta acabou por traduzir-se numa afluência considerável de colonos para esta ilha, com o intento de nela se fixarem. Contudo, por decisão da Coroa, estes privilégios foram limitados na Carta de Declaração e Limitação dos Privilégios de 1472. Estas cartas foram importantes no processo do povoamento do arquipélago de Cabo Verde.

Entretanto deve-se reconhecer que a mesclada contribuição de europeus e africanos neste processo foram determinantes no modelo de povoamento do arquipélago de Cabo Verde, contribuindo de forma significativa na organização social, económica e administrativa, e nos primeiros passos para edificação de uma estrutura própria, acomodada à realidade do arquipélago.

A fixação dos colonos, e dos africanos (escravos e homens livres) no arquipélago de Cabo Verde, permitiu que a estruturação social, económica e administrativa cabo-verdiana se tornasse uma realidade. O tráfico de escravos foi um dos pilares essenciais nesta estruturação, permitindo, por um lado, uma progressiva afirmação económica, comercial e administrativa do arquipélago, e, por outro, uma gradual autonomia dos colonos em relação à Coroa Portuguesa. Posteriormente, a “*elite local*” constituída pelos ditos “*filhos da terra*”, iam-se afirmando progressivamente na administração das localidades de todo o território. O tráfico de escravos foi importante na estruturação socioeconómica cabo-verdiana, o que determinou, em certa medida, a hegemonia económica do grupo minoritário branco (Davidson, 1988, p. 26).

Nos finais do Século XVIII e início do século XIX, os dados sobre o recenseamento apontam que já faziam parte do arquipélago de Cabo Verde, 58.401 habitantes de ambos os sexos e cores. De forma proporcional, encontravam-se divididos em quatro grupos: 1.752 brancos; 25.250 mulatos; 5.109 pretos escravos e 27.290 pretos forros (Chelmicki & Varnhagen, 1841, pp. 320-321). Considera-se, neste sentido, que o arquipélago era constituído acentuadamente por habitantes “negros” (escravos e forros), e “mulatos”, com um número bastante insignificante de “brancos”.

### **2.1. A formação de uma cultura e identidade singular: o papel do mestiço**

Na génese da cultura e identidade cabo-verdiana contribuíram, de forma decisiva, as características climáticas e geográficas do arquipélago. Com vista a ultrapassarem as vicissitudes que assolavam o arquipélago de Cabo Verde, as duas civilizações (europeus e africanos) aproximam-se e resolvem partilhar os seus recursos e os valores culturais, dando, deste modo, origem ao desabrochar de uma cultura e identidade singulares de cruzamento e síntese. Segundo Filho (2003) é importante que se tenha em conta, quando se analisa a génese da cultura cabo-verdiana, que:

o encontro em Cabo Verde de duas culturas diferentes significou a separação de cada uma delas do seu tronco original, numa dada época histórica da sua própria evolução. Isto também ocasionou a transplantação e o contacto mútuo, pois ambas



se viram separadas da sua própria raiz e do percurso evolutivo das suas culturas de origem (p. 227).

A fusão de diversos povos, com as suas línguas e culturas, deu origem ao que se passou a designar por identidade cabo-verdiana ou a “cabo-verdianidade”. “Dessa convivência nasceria um sentido de lealdade para com a terra – as montanhas e desfiladeiros, a Ilha e o Arquipélago. Desse sentimento de lealdade, aliado a uma cultura partilhada, eclodiria uma nova identidade – a cabo-verdianidade” (Peixeira, 2003, p. 61).

A identidade cultural do povo cabo-verdiano funde-se no cruzamento das características próprias de duas civilizações (a europeia e a africana), da qual emergiu a mestiçagem, e é conservada como uma realidade sempre presente, de geração em geração. Como resultado desta miscigenação, surge também o mestiço que passou a ser um importante elemento na divulgação e afirmação da identidade e cultural cabo-verdiana.

Do “acaso bem-sucedido”, o mestiço, por entrelaçar historicamente as duas civilizações (a africana e a europeia), começa oportunamente a reivindicar posições administrativas numa sociedade insular, marcada acentuadamente pelo abandono sistemático dos colonos europeus (a camada branca economicamente bem posicionada), já que tinha deixado de ser atractivo habitar nas ditas ilhas do arquipélago. Nos finais do século XIX, as condições sociais precipitaram uma mudança nessa desigualdade racial de privilégios, tendo, para isso, contribuído o aparecimento de um grupo social, que reivindica para si uma posição de mediador, com um estatuto especial no esquema colonial português para a população das ilhas: o mestiço.

O mestiço passa, efectivamente, a desempenhar um papel de extrema importância na configuração social, política e económica em Cabo Verde, por encerrar na sua génese princípios de miscigenação, contribuindo para a afirmação de uma cultura genuína, moldada na sua identidade. Com a ascensão gradual dos mestiços “filhos da terra,” quer na conjuntura política, quer na económica ou social, estes passam a adquirir cargos reconhecidos, tanto no âmbito literário, como no cultural. O mestiço passa a simbolizar a luta pela afirmação cultural e conquista de direitos na sociedade cabo-verdiana.

## **2.2. Fundamentos do projecto nacional cabo-verdiano: A génese da Nação Cabo-verdiana**

A emergência da Nação cabo-verdiana coincide com a história do homem crioulo, que, ao longo de séculos, e sob o domínio colonial, cria um conjunto de manifestações sociais e culturais que o identifica com uma nação singular e multidimensional. Se a construção da Nação precede, em séculos, a criação do Estado, considera-se que os cabo-verdianos já se encontravam imbuídos de um “sentimento nacionalista” ainda no período da colonização, o que lhes permitiu construir posteriormente o Estado e fortalecer a Nação cabo-verdiana com a independência nacional em 1975.

A tomada de consciência nacional foi-se processando ao longo do tempo, com o progressivo crescimento de uma nova cultura, que englobava a língua, a literatura, a religião, a música, a dança e o modo de sentir e pensar, distanciando-se cada vez mais dos padrões preconizados pelo colonizador.

Com o decorrer do tempo, durante a fase colonial, começa a brotar, de forma evolutiva, o que poderia designar-se de ‘sentimento’ nacional ou nacionalista, com fugas de escravos, revoltas de camponeses pobres, protestos de comerciantes nativos e da própria administração local, face ao abandono da metrópole; com o surto da ‘consciencialização’ de uma especialidade sócio-cultural própria (Graça, 2007, p. 39).

Em Cabo Verde, ainda no período colonial, presenciava-se uma relativa unidade nacional, que foi determinante na construção do Estado nacional. “A ‘fusão cultural’ numa mestiçagem geral é percebida por uma parte da intelectualidade cabo-verdiana como positiva, no sentido de que se teria constituído uma unidade nacional antes da implantação de um Estado nacional” (Anjos, 2003, p. 581).

Deve-se, de facto, reconhecer que a história de Cabo Verde, como país e como nação está intimamente ligada à sua história literária. A literatura serviu como base de afirmação, instrumento de combate e realização da cabo-verdianidade, em diferentes momentos da sua história. Através dela sobressai uma nação homogénea, com uma identidade cultural própria, evidenciando a sua posição privilegiada de um entrelaçar de culturas.

### **3. Elementos conformadores da identidade e da Nação cabo-verdiana**

A identidade cabo-verdiana, e a raiz da sua formação encontram-se vinculadas nas duas culturas distintas: a Europeia e Africana, que se estrutura a partir do processo de miscigenação (Saint-Maurice, 1997, p. 42). A miscigenação em Cabo Verde ocorreu principalmente nos elementos culturais, do que resultou a cultura crioula, além de se manifestar na vertente raça, dando origem ao mestiço nato cabo-verdiano (Semedo & Turano, 1997, p. 38-40).

A cultura é formada por um conjunto de manifestações, que se apresentam indispensáveis para um grupo de indivíduos ou para uma comunidade. Essas manifestações são mantidas vivas como memória oficial da sociedade, e repassados para as novas gerações, constituindo indicadores da cultura local. “Uma vez apreendidas e partilhadas, as normas e valores culturais contribuem para que determinado número de pessoas forme uma colectividade particular, passível de ser reconhecida e distinguida pela sua especificidade” (Filho, 2003, p. 18).

Estas especificidades culturais manifestam-se através da música, da gastronomia, da religião, da língua, da sementeira, do casamento, dos rituais da morte, da harmonia e das boas convivências, entre outras. Neste sentido estas manifestações constituem elementos conformadores da identidade nacional cabo-verdiana num processo de correlação, e torna-se imprescindível compreendê-las.

A língua crioula cabo-verdiana, que desponta no cenário do contacto entre as línguas, num contexto onde a comunicação se torna uma necessidade urgente, e ela surge da interacção e interadaptação entre as línguas dos diferentes contingentes populacionais que participaram no povoamento do arquipélago de Cabo Verde. A língua cabo-verdiana representa uma memória social, uma vez que é instrumento de uma cadeia de reprodução de saberes que se vão comunicando e transmitindo às novas gerações. Ela é o principal elemento identitário do cabo-verdiano e, conseqüentemente, um dos factores mais importantes da cabo-verdianidade.

A música cabo-verdiana, que numa perspectiva identitária surge como veículo privilegiado da divulgação, afirmação e expressão da identidade ou seja, da cabo-verdianidade. Resultou duma convergência dos traços musicais europeus e africanos. Cabo Verde, ao longo da sua história, elaborou uma música tradicional, de uma vitalidade surpreendente “que acabou por dar origem a géneros fortemente

caracterizados e enraizados no seu universo” (Brito, 1998, p. 13), e a música é “uma das pedras basilares mais fortes da unidade nacional” (Monteiro, 2003, p. 34).

A gastronomia, que é rica, pela particularidade na sua confecção e preparo. Envolvendo todo um ritual sincrético que a particulariza, faz com que seja reconhecida como uma das marcas mais visíveis da identidade nacional. A culinária cabo-verdiana é baseada em pratos típicos, confeccionados, sobretudo a partir do milho e do feijão, da batata-doce e da mandioca, que resultaram de uma adaptação, ao longo do tempo, ao clima. Devido à pobreza do solo, os cabo-verdianos fizeram proezas em transformar os escassos recursos alimentares numa gastronomia particularmente rica, que orgulha a cultura nacional (Castro, 2003, pp.1-2)

A religião, que em Cabo Verde é, também, na sua essência, um dos factores da unidade nacional. Considera-se que neste arquipélago, por causa da colonização e do povoamento, mais de 90% da população é cristã, e professa a sua religião através da Igreja Católica, em harmonia com as suas crenças e valores. A Igreja Católica assume-se como a primeira instituição de relevância no arquipélago de Cabo Verde, com uma base moral, sob a qual se estrutura a sociedade cabo-verdiana, “visto ser na Igreja que assentavam as bases de toda a ordem moral e social da época” (Filho, 1996, p. 180).

O casamento, que na sua forma tradicional em cabo verde desempenha um papel de grande relevância na cultura, por encerrar valores antropológicos que auxiliam na definição psicossocial do arquipélago de Cabo Verde, não só pelo acto do sacramento em si, mas pelas manifestações e rituais que marcam a vida matrimonial dos cabo-verdianos. Pela dinâmica e evolução social, o casamento sofreu modificações sistemáticas, mas não se perderam em absoluto os traços tradicionais, principalmente os rituais subjacentes a este acto sociocultural. Os rituais de casamento em Cabo Verde têm as suas especificidades no universo das sociedades cristãs.

A morte, que é em Cabo Verde um fenómeno e realidade que encerra em si princípios de unidade e solidariedade. Ela é encarada com todo o respeito e solidariedade, fazendo com que este fenómeno una a Nação e eternize o sentimento de solidariedade e de aproximação profunda vivida com o semelhante (Mendes, 2012, pp 60-62). Em Cabo Verde, a morte envolve um conjunto de rituais. Identifica-

los e compreende-los, ajuda também a compreender a cultura cabo-verdiana e, as manifestações que marcam o quotidiano deste arquipélago.

A sementeira em Cabo Verde, que envolve um conjunto de rituais ligados a crenças e valores incorporados no quotidiano deste povo, principalmente das pessoas do meio rural. Desde a preparação do terreno até ao período da colheita, amigos, vizinhos e familiares, numa atitude de solidariedade, juntam-se para a prática da sementeira, e este acto é denominado entre os cabo-verdianos de “*Djunta mô*”.<sup>1</sup>

A singularidade e boa convivência do cabo-verdiano, que são elementos importantes da identidade cabo-verdiana. Pela sua particularidade histórica, os cabo-verdianos são distinguidos, pela harmonia, hospitalidade, boa convivência e cordialidade entre os habitantes entre si, e aqueles que escolhem Cabo Verde para residir ou visitar. Essas características fazem o homem cabo-verdiano ímpar. E este, por ser resultado de um processo de miscigenação biológica e cultural, adquiriu, ao longo do tempo, uma atitude de cordialidade, hospitalidade, franqueza e familiaridade para com o próximo, o que possibilitou o vínculo com a terra e com as origens, sentindo saudades dela quando emigra. Saudades principalmente do convívio e do calor humano dos congéneres crioulos nas ilhas no meio do atlântico.

Todos estes elementos constituem a riqueza da identidade e da Nação cabo-verdiana, e o verdadeiro sentido atribuído à cultura e o sentimento nacional. Mas à volta da afirmação e compreensão destes elementos, existem debates e discursos político-simbólicos e culturais que as envolvem num processo de afirmação de pensamento em contextos sociais e políticos diferentes.

#### **4. A emergência da elite letrada cabo-verdiana orientada para a construção da identidade: O debate contemporâneo da Nação**

Falar da emergência da elite letrada ou intelectual cabo-verdiana tem muito a ver com a história da educação e a forma como se expandiu nas ilhas, e, por conseguinte, a afirmação da literatura nacional. A educação e a literatura constituem verdadeiros elementos da afirmação de uma elite intelectual cabo-verdiana.

---

<sup>1</sup> Acto em que as pessoas juntam-se para a prática da sementeira, já que normalmente é um trabalho muito duro e que precisa de pessoas em quantidade para o praticar, ou seja, de forma resumida é a ajuda mútua entre as pessoas.

O ensino desempenhou um papel de extrema importância na formação da elite intelectual cabo-verdiana. A criação por parte do Estado e, em momentos mais remotos da colonização, por parte da igreja, das escolas primárias e liceus, impulsionou fortemente a formação da elite cabo-verdiana. Esta elite contribuiu para o enriquecimento da esfera pública cabo-verdiana, ao longo de alguns séculos. Muitos deles desempenharam, ainda no regime colonial, funções na administração das colónias portuguesas em África. A grande parte da “*velha elite cabo-verdiana*” estudou no Liceu Gil Eanes em São Vicente, com o término do liceu tendo alguns seguido para formação superior em Portugal (Hofbauer, 2011, p. 102).

O ensino foi usado como ferramenta fundamental pela elite intelectual cabo-verdiana, conduzindo o aparecimento da uma literatura coesa, a partir da qual se exprimiam os anseios, as preocupações e a realidade do arquipélago de Cabo Verde. “É impensável a formação e desenvolvimento de uma literatura escrita sem ter por base a instrução difundida por meio de instituições de ensino e, desde a invenção de Gutenberg, sem o suporte técnico da imprensa” (Osório, 1998, p. 110). Desde muito cedo, houve uma elite instruída em Cabo Verde, que via na escola o mais eficaz veículo de ascensão social, elite esta que constituiu o embrião da verdadeira elite intelectual, que veria a ser o motor do nacionalismo cabo-verdiano (Brito-Semedo, 2006, p. 126).

Uma das mais antigas gerações da elite intelectual cabo-verdiana é a dos *Nativistas*, representada por poetas, escritores, jornalistas e compositores cabo-verdianos. Destacam-se os nomes como: de Eugénio Tavares, Pedro Monteiro Cardoso, José Lopes entre outros, trouxeram publicações de diversos textos literários e obras de grandes repercussões na literatura nacional. Entre as obras e textos literários célebres estão: duas obras de poemas de Eugénio Tavares, *Amor que salva e Mal de Amor de Espinhos* publicadas em 1887, e em 1932 a obra *Mornas, cantigas crioulas*. De Pedro Cardoso destacam-se o poema “*Ode a África*” em 1921, o Jornal *O Manduco* entre 1923-24 e as obras: *Jardim das Hespérides* (1926); *Algas e Corais* (1928); *Hespérides* (1930) e *Folclore Caboverdiano* (1932). No caso de José Lopes evidenciam-se as obras como: *Hesperitanas* (1929) e *Jardim de Hespérides* (1929) (Laranjeira, 1995, p. 180-181).

Ao falar do percurso da elite intelectual cabo-verdiana, e da relação de complementaridade com a literatura, é imprescindível referenciar a geração posterior

dos *Nativista*, marcada pela fundação da *Revista Claridade* em São Vicente no ano de 1936. Por causa desta revista, a geração ficou conhecida como geração dos *Claridosos*, encabeçada por Baltazar Lopes da Silva. Além deste, também faziam parte personagens não menos marcantes, como Jorge Barbosa e Manuel Lopes. A década de 30 do século XX, fica marcada por um novo cenário, onde a literatura através da geração dos *Claridosos*, começou a delinear-se, tomando novos contornos. Com a geração dos *Claridosos*, ficaram como marco na literatura, além da revista *Claridade*, algumas obras pertinentes. De Baltazar Lopes ficou conhecida a obra “*Chiquinho*” (1947). De Manuel Lopes, obras como: “*Poemas de quem ficou*” (1949), “*Alma Asinária*” (1952); “*Chuva Braba*” (1956); “*O Galo que cantou na baía*” (1959) e “*Os flagelados do Vento Leste*” (1960). E de Jorge Barbosa: “*Arquipélago*” (1935); “*Ambiente*” (1941) e “*Caderno de um Ilhéu*” (1956).

A ruptura com a geração dos *Claridosos* fixa-se precisamente nos anos 50 do século passado, o que marcou incontornavelmente uma nova era na literatura nacional, e isso aconteceu porque a nova geração de elite intelectual, contribuiu para isso. Fala-se da geração de Cabral ou dos anos 50. Com a índole nacionalista e portadores de ideais independentistas, o despontar desta geração, a partir dos anos 50, marca a literatura cabo-verdiana, nutrida pelos movimentos anticolonialistas. Para a geração de Cabral, e, em particular para Amílcar Cabral, a literatura surge claramente posta ao serviço da libertação do homem cabo-verdiano, onde o argumento central seria a construção de uma nova terra, pensando já na independência nacional (Sousa, 2012, p. 139).

#### **4.1. O discurso político-identitário das diferentes gerações de intelectuais**

A formação e a ascensão das elites intelectuais cabo-verdianas articulam-se ao pensamento duma época específica, evidenciando-se concepções teóricas baseadas na construção da identidade nacional. Cada geração de elite intelectual produziu e moldou argumentos na defesa da identidade cabo-verdiana em contextos históricos, em que foram determinantes vários factores, entre os quais sobressaem: os factores sociais, culturais, económicos, políticos e ideológicos. O processo da construção da identidade cabo-verdiana, está associado às características sociais e

políticas diferentes, dividindo-se em três etapas distintas: a do sentimento nativista, que vai desde 1856 a 1932; a da consciência regionalista, de 1932 a 1958, e a da afirmação nacionalista, desde 1958 até 1975 (Brito-Semedo, 2006, p. 194).

A geração dos nativistas enalteceu a grande pátria, que, de certo modo, lhes havia concedido direitos e deveres da cidadania portuguesa. Esta cidadania, deu-lhes o orgulho do “mínimo cultural compartilhado” e passaram “a assenhorar-se da ideologia assimilacionista” (Fernandes, 2002, pp. 70-71). A defesa da cultura nacional, e, conseqüentemente, da identidade cabo-verdiana e o desejo de que o arquipélago de Cabo Verde fosse reconhecido como uma região portuguesa, reivindicando a cidadania portuguesa para os nativos do arquipélago, marcou o pensamento dos *Nativistas*, que, através de publicações de poemas e textos literários nas revistas e jornais nacionais e portugueses, evidenciaram o verdadeiro sentido que atribuíam à identidade nacional, e a forma como construíram argumentos na defesa da identidade cabo-verdiana. Os argumentos centravam-se numa dualidade conceptual.

A partir dos anos trinta do século XX, surge uma nova geração de intelectuais, que para fazer face aos embates políticos e culturais da época, procurou construir argumentos sob a perspectiva teórica regionalista. Dessa forma, a identidade cabo-verdiana, para os intelectuais Claridosos é a valorização do homem nascido no arquipélago de Cabo Verde, mas marcado pela predominância dos resíduos culturais europeus.

As temáticas desses intelectuais repercutiam as angústias do povo cabo-verdiano, principalmente as longas secas, subsequentes fomes, mortes e extrema miséria presenciadas no arquipélago. Isso incitou a nova geração a defender esse povo, com o pressuposto de afirmar a identidade cabo-verdiana e, por consequência, a sua autonomia. A geração de Baltazar Lopes da Silva marcou a literatura moderna cabo-verdiana, numa relação de complementaridade. Esta geração acabou por erguer um modelo identitário, que se configurava e coexistia com a identificação do Estado nacional português, e difundia a ideologia assimilacionista e regionalista. Os Claridosos, apesar de defenderem as particularidades do arquipélago de Cabo Verde, consideravam-no como uma região de Portugal como Minho ou Algarve. Silva (1957) assevera que “Cabo Verde é uma região de Portugal como Minho ou Algarve” (p. 7).



A década de 50 marca dogmaticamente uma nova era na formação da identidade nacional, com o acento tónico no resgate das origens. O discurso emblemático sobre a nação, que apresenta traços fortes com o continente africano, encerrava o significado de que era a altura certa da ruptura, tornando a nação livre, com hábitos característicos e liberta da opressão e da administração colonial. Estes ideais e pensamentos foram enunciados por um grupo de intelectuais, pertencentes à geração de Cabral, ou geração da consciência nacionalista, denominando-se esta época como a da “reafricanização dos espíritos”.

Para a nova geração de intelectuais parecia claro que o tipo de cabo-verdianidade afirmado pelos Claridosos, por conter o princípio de pensamento da ideologia assimilacionista, não podia funcionar como instrumento de mobilização para uma possível independência nacional. A nova opção da geração, no fundo, teria de se traduzir numa reviravolta das orientações políticas de uma cultura mestiça, de modo a que a especificidade cultural cabo-verdiana pudesse ser reorientada para o quadro de uma aproximação à África.

A defesa da raiz africana, e o profundo laço que une este continente aos cabo-verdianos passa a ser um dos grandes propósitos e, possivelmente, um dos mais importantes pressupostos teóricos, a ponto de o caracterizarem como o movimento da “reafricanização dos espíritos”. Amílcar Cabral, como um dos mais exímios representantes deste movimento, baseado nos princípios do nacionalismo, viria, por intermédio do partido PAIGC, fundado para a libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, e num contacto com os estudantes da colónia, a reivindicar a independência e libertação desses países, na ideia da reafricanização, ou do resgate dos ideais africanos. Para Cabral, Cabo Verde, mesmo sendo uma região insular, estava intimamente ligada ao continente africano, e é por esta razão que se começa a afirmar nele a sua africanidade, ou seja, a sua dimensão africana (Andrade, 1976, pp. 8-9).

## **5. A construção do Estado-Nação em Cabo Verde: A trajetória da independência nacional e a integração regional**

Em Cabo Verde, a nação precede em séculos a criação de Estado, o que só aconteceu a partir de 1975, com a independência nacional. Cabral um dos fundadores do Estado cabo-verdiano, aquele que contribuiu para os primeiros passos para a sua edificação, argumenta que é possível identificar que o Estado emerge após a construção da nação, onde um conjunto de hábitos, crenças e características peculiares, faziam já parte do povo cabo-verdiano. Nesta lógica, ele considera o próprio surgimento do partido PAIGC e aquisição da independência de Cabo Verde, como correlativo à construção efectiva do Estado cabo-verdiano (Cabral, 1970, p.2).

Ao falar da construção do Estado, devem ressaltar-se vários períodos: o de antes da independência, onde se fala do Governo de Transição e da sua importância na edificação das primeiras instituições estatais, e o do estabelecimento de uma autonomia própria. Considerado como Governo, que representa, por um lado, uma pré-organização do Estado de Cabo Verde, respondia, perante a República portuguesa, ou seja, perante o seu Chefe de Estado, mas com um sinal de autonomia, uma vez que apresentava na sua composição membros do então partido único PAIGC.

Por outro lado, um Governo que veio trazer, meses antes da proclamação da independência em 5 de Julho de 1975, um modelo de organização dos órgãos do poder do Estado, e que acabou por desembocar na eleição da Primeira Assembleia Nacional Popular no dia 30 de Junho de 1975, correspondendo a cinco dias antes da proclamação oficial da autonomia total do Estado de Cabo Verde que, concomitantemente, culminou com eleição do Presidente da República e do 1º Ministro do Estado de Cabo Verde.

Um outro período é o do pós- independência, onde se instituem as primeiras instituições políticas com as suas estruturas próprias e o articular destas instituições para o funcionamento autónomo, em relação ao poder da metrópole. Marcado por uma organização autónoma, estas instituições tinham no seu comando um pequeno grupo de dirigentes, responsáveis pelos aparelhos estatais e, conseqüentemente, pelas suas instituições, por intermédio do partido único, neste

caso o PAIGC e, posteriormente, o PAICV. Este grupo teve que, pelos seus próprios meios, implementar um modelo estatal, num regime considerado como o regime de partido único, que se caracterizava como “Estado de Democracia Nacional Revolucionária” (Lima, 1992, p. 8).

Por último, o período da democratização, conhecido como o da abertura política, deu-se a partir de 1990, com novas configurações e o articular de novas instituições políticas no panorama do Estado cabo-verdiano. É marcado também pelo aparecimento, ou mesmo pela funcionalização do pluralismo democrático.

### **5.1. A integração regional, África e Europa: Perspectivas e Perplexidades**

No período anterior à independência de Cabo Verde, o debate era já intenso entre as elites intelectuais cabo-verdianas acerca da perspectivação de uma maior integração regional de Cabo Verde em relação à Europa ou África. Pelo seu posicionamento geográfico, Cabo Verde encontra-se mais perto de África do que da Europa, mas o debate não se fazia somente nesta óptica. Era muito mais profundo, envolvia questões de ordem cultural e identitária e de reafirmação do Estado-Nação Cabo-verdiano.

A integração de Cabo Verde na matriz africana ou europeia resulta de um processo histórico, político e social, cujo resultado consistiu na elaboração de explicações de modo coerente e convincente, em torno de duas posições diferenciadas acerca da integração: uma de componente europeia e outra de componente africana. Isto originou a discussão em torno dos debates, que constituem o pensamento de intelectuais com posições diferenciadas. Esta forma de pensar é, por exemplo, ainda hoje evidenciada no actual processo de integração regional de Cabo Verde na CEDEAO, e igualmente no processo de uma maior parceria especial com a União Europeia.

Por um lado, trinta e oito dias antes da proclamação oficial da independência de Cabo Verde, foi fundada em Lagos, através do Tratado da Abuja a 28 de Maio de 1975, a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), ou seja, pouco antes de Cabo Verde se tornar um Estado Independente. A independência oficial a 5 de Julho de 1975 marca uma nova era na edificação do Estado-Nação em Cabo Verde, com novos espaços para a integração nas várias

organizações internacionais e regionais, como é o caso da ONU (Organização das Nações Unidas), e também da OUA (Organização da Unidade Africana). No caso da integração na CEDEAO, esta só sucedeu em 1977, dois anos após a independência, na qual Cabo Verde subscreveu “tratado constitutivo” (Reis, 2008, p. 83).

A partir desta data, tem-se vindo a questionar a integração de Cabo Verde na CEDEAO, nomeadamente no que diz respeito aos benefícios e desafios que esta integração poderia trazer para Cabo Verde. Os debates centram-se essencialmente nas questões culturais/identitárias, económicas e políticas.

Por outro lado, Cabo Verde no contexto da criação de uma parceria sólida que, de alguma forma, pudesse trazer e, ao mesmo tempo, abrir um novo horizonte para este arquipélago no meio do Atlântico, optou por uma parceria especial com a União Europeia, em Novembro de 2007. A parceria “efectivamente se viria a materializar em Novembro de 2007, ou seja, uma parceria especial entre a EU e Cabo Verde que garante ao arquipélago uma posição mais vantajosa junto das organizações” (Pinto, 2012, p. 193).

A possibilidade de uma parceria entre a União Europeia e Cabo Verde foi já pensada há algumas décadas, onde algumas personalidades portuguesas como Adriano Moreira e Mário Soares, tiveram um papel relevante, ao ponto de serem considerados como representantes da parceria entre o arquipélago de Cabo Verde e a União Europeia. “Talvez valha a pena referir que foi num Congresso em Tenerife, no já longínquo ano de 1994, que Mário Soares começa a delinear a ideia de uma aproximação de Cabo Verde aos arquipélagos ultraperiféricas que fazem parte de Portugal e de Espanha” (Pinto, 2012, p. 193). Esta aproximação poderia trazer benefícios para Cabo Verde, no âmbito de cooperação da União Europeia com as Regiões Ultraperiféricas, ou da Macaronésia. Esta parceria, ainda antes da sua efectivação, originou alguns debates entre os que se declararam ser “contra” e os que se declararam ser a “favor” da adesão de Cabo Verde à União Europeia.

**Abstract:** The construction of the nation-state in Cape Verde comes from a socio-historic base that began with the discovery and settlement of the archipelago islands. This article intends to understand the processes that were involved in the formation of identity and subsequently, the construction of the nation-state. The process includes on the one hand, the birth of mestizo and the utterance of the Cape Verdean Creole language, and on the other hand, cultural manifestations that culminate with national independence in 1975 and subsequently, with the political opening process in 1990, and the institutional consolidation of democracy.

**Key-words:** Identity, Nation-State, Cape-verdean Culture

## Referências

ANDRADE, Mário Pinto de. Amílcar Cabral e a Reafricanização dos Espíritos: Um depoimento. **No Pintcha**, p. 8-9, Set. 1976.

ANJOS, Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 579-596, 2003.

BALENO, Ilídio Cabral (2001). Povoamento e formação da sociedade. In: Albuquerque, L. de; & Santos, M. E. M. (Orgs.). **História Geral de Cabo Verde**. Lisboa/Praia, Portugal/Cabo Verde: Instituto de Investigação Científica Tropical/Instituto Nacional de Investigação Cultural. p. 125-177.

BRITO, M. **Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde**. Mindelo: Centro Cultural Português, 1998. 110p.

BRITO-SEMEDO, M. **A construção da identidade nacional: análise da imprensa entre 1877 e 1975**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006. 421p.

CABRAL, A. **Esclarecimento Sobre as Novas Estruturas da Direcção do Partido e Sobre as Funções dos Diversos Órgãos Dirigentes**. 13 a 15 Set. 1970. Disponível em <[http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_41935](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_41935)> Acesso em: 26 Ago. 2014

CARREIRA, A. **Cabo Verde: Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)**. 2. ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1983. 537p.

CASTRO, M. T. L. **Cozinha tradicional de Cabo Verde**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2003. 86p.

CHELMICKI, J. C. **Corografia cabo-verdiana ou descrição geographico-histórica da província das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné**. Lisboa: Typographia de Luiz Correa da Cunha. 1841, 511p.

DAVIDSON, B. **As Ilhas Afortunadas: Um estudo sobre a África em transformação**. Lisboa: Caminho, 1988. 247p.

FERNANDES, G. **A diluição da África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós)colonial**. Florianópolis, SC: UFSC, 2002. 253p.

FERNANDES, V. **Description de la Côte Occidentale d'Afrique (Sénégal au Cap de Monte, Archipels): 1506-1510**. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1951. 223p.

LOPES FILHO, J. **Introdução à Cultura Cabo-verdiana**. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, 2003. 336p.

LOPES FILHO, J. **Ilha de São Nicolau: Formação da Sociedade e Mudança Cultural**. Lisboa: Ministério da Educação. Secretaria-Geral, 1996. 515p.

HOFBAUER, Andreas. Crioulidade versus Africanidade: percepções da diferença e desigualdade. **Afro-Ásia**, Baía, n. 43, p. 91-127, 2011.

GRAÇA, C. Q. L. **Cabo Verde: formação e dinâmicas sociais**. Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais, 2007. 184p.

LARANJEIRA, J. L. P. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 424p.

LIMA, A. R. **Reforma Política em Cabo Verde: Do Paternalismo a Modernização do Estado**. Praia: Edição do Autor, 1992. 13p.

MOREIRA, Carlos Diogo. Identidade e pluralismo. In: Amante, M. F. (Coord.). **Identidade Nacional: Entre o discurso e a prática**. Porto: Fronteira da Caos Editores & CEPESE, 2011. p 37-45.

OSÓRIO, Oswaldo. Uma literatura nascente: A poesia anterior a Claridade. In: Veiga, M. (Coord.). **Cabo Verde: Insularidade e Literatura**. Paris: Editions Karthala, 1998, p. 109-113.

PEIXEIRA, L. M. S. **Da Mestiçagem à Caboverdianidade: Registos de uma sociocultura**. Lisboa: Colibri, 2003. 260p.

PINTO, José Filipe. Cabo Verde e a União Europeia: Da Parceria à Integração. In: Cristovão, F. (Coord.). **Ensaio Lusófonos**. Coimbra: Almedina, 2012. p. 193-204.

MENDES, A. **Viver a Morte em Santiago: Uma Abordagem Etnográfica**. Praia: Instituto de Investigação e do Património Culturais, 2012. 242p.

MONTEIRO, C. A. **Manuel d'Novas música, vida, caboverdianidade**. Mindelo: Edição do Autor, 2003. 352p.

REIS, José António dos. As políticas públicas de Cabo Verde, no âmbito da integração na CEDEAO e da estratégia global de desenvolvimento. In: Cabral, I. & Furtado, C. **Os Estados-Nações e o desafio da integração regional da África do Oeste: Caso de Cabo Verde**. Praia: Gráfica da Praia, 2008. p. 83-95.

SAINT-MAURICE, A. **Identidades Reconstruídas: Cabo-Verdianos em Portugal**. Lisboa: Celta Editora, 1997. 171p.

SEMEDO, J. M. & TURANO, M. **Cabo Verde: O ciclo ritual das festividades da Tabanca**. Praia: Spleen Edições, 1997. 154p.

SILVA, Baltazar Lopes da. Mesa Redonda sobre o homem cabo-verdiano. Cabo Verde: **Boletim de Propaganda e Informação**, n. 99, 1957. p. 7-10.

SOUSA, J. S. (2012). **Amílcar Cabral (1924-1973): Vida e morte de um revolucionário africano**. 2. ed. Lisboa: Portugal: Nova Vega, 2011. 570p.

Texto científico recebido em: 01/09/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.